

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **JORNALISMO NO SERTÃO DO CEARÁ: VICENTE LOYOLA E A REPÚBLICA OLIGÁRQUICA EM SOBRAL (1907-1919)**

Jorge Luiz Ferreira Lima  
Doutor em História Social pela Universidade Federal do Ceará  
Professor da rede pública estadual do Ceará  
E-mail: jorge.lima1@prof.ce.gov.br

### **RESUMO:**

Este trabalho aborda o jornalismo sertanejo a partir de posicionamento ideológico de Vicente Loyola, redator proprietário do jornal O Rebate (Sobral/CE, 1907-1919). A discussão está concentrada no posicionamento político contrário à política oligárquica representada a nível local por algumas famílias proprietárias. As contradições entre o discurso político e a dificuldade no sentido de ocupar uma posição no interior de uma sociedade marcada pela confronto entre valores tradicionais e a modernidade que chegava em marcha acelerada deram a tônica do discurso jornalístico de Vicente Loyola. Suas inquietações intelectuais, as dificuldades para conciliar sua militância com o trabalho cotidiano na redação do jornal, associadas a uma saúde crescentemente fragilizada levaram-no à morte num momento, transferindo para o campo da memória as batalhas travadas antes no campo da política e da imprensa. O percurso ideológico de Vicente Loyola e seu posicionamento no interior de uma cena política em constante rearranjo é o tema principal deste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa, Política, Sertão.

Vicente Loyola nasceu no dia 11 de agosto de 1873, numa fazenda chamada “Tamanduá”, zona rural da cidade de Sobral, região norte do Ceará. Socialmente espremida entre o campesinato sertanejo sujeito à dominação dos coronéis latifundiários e as camadas médias urbanas (funcionários públicos, pequenos comerciantes, militares e profissionais liberais), a família do pequeno Vicente não pode alimentar nenhum projeto concernente ao seu futuro profissional, ficando o menino entregue às possibilidades construídas por si mesmo.

Não enxergando chance de prolongar seus estudos para além do básico para a época, Vicente Loyola, uma vez alfabetizado, certamente após breve frequência a algum estabelecimento de ensino público ou um curto período sob a direção de um professor itinerante dos muitos que percorriam o sertão do Ceará alfabetizando os filhos dos proprietários rurais e, por tabela, algumas crianças mais pobres do lugar, foi buscar emprego no comércio, como caixeiro vassoura. Não estava de todo ruim. Era o início da

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

fase propedêutica de uma carreira comercial. Talvez não fosse demais sonhar com a possibilidade de um vir a tornar-se proprietário de uma casa comercial em Sobral.

Como caixeiro vassoura, o menino Loyola não exercia suas habilidades de empregado alfabetizado. Ao menos estava morando em Sobral, certamente acomodando-se no quarto dos empregados da casa comercial do coronel José Figueira de Saboia e Silva. Levantar muito cedo e varrer as calçadas e metade da rua em frente a firma não era algo que correspondesse aos seus anseios, mas era uma etapa passageira na sua carreira. Seu horizonte de expectativas envolvia, certamente, tornar-se caixeiro de balcão e, futuramente, caixeiro viajante e proprietário de uma casa comercial, isso se trabalhasse de modo industrioso e soubesse colocar-se socialmente de modo a conseguir um bom casamento com alguma filha de família rica, seduzida pela aura romântica emanada da figura do caixeiro.

A vida, porém, não segue roteiros. Está, por outro lado, sujeita a reveses muitos deles produto das qualidades (ou da falta delas) necessárias para se obter o êxito projetado. Vicente Loyola, menino caixeiro vassoura, depois caixeiro de balcão, alimentou sério gosto pela leitura. Por mais que nossas fontes nos neguem maiores detalhes acerca desta fase de sua vida, podemos encontrá-lo, durante a década de 1890, ou seja, por volta dos vinte anos de idade, já exercendo a função de caixeiro de balcão na casa comercial de outro coronel bem estabelecido em Sobral: Antônio Regino do Amaral.

Antônio Regino tinha, a esta altura, um filho a bacharelar-se em Fortaleza: Álvaro Ottoni do Amaral. Em 1899, este jovem bacharel iniciou a publicação, em Sobral, do jornal “A Cidade”, uma folha semanal de quatro páginas impressa em tipografia própria. Álvaro Ottoni parecia estar pondo em prática um projeto já conhecido, o qual consistia em fundar um periódico e utilizá-lo para reafirmar seu lugar social no interior de uma sociedade dividida entre uma pequena camada favorecida, distinta pela posse fundiária e embalada no dinamismo do comércio de importação e exportação, habituada a investir na constituição de armazéns e casas comerciais, ligada ao mundo exterior pelas redes de comunicação e transportes da época, e uma maioria da população vivendo na pobreza, habitando as periferias urbanas e rurais, lutando contra sua exclusão econômica e a expropriação de seu poder decisório.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Vicente Loyola e Álvaro Ottoni tornaram-se amigos. A aventura jornalística do bacharel fascinou o jovem Vicente, agora recém-casado com Floresmina Cândida de Aguiar. A esta altura, Vicente já havia juntado um pequeno capital e iniciara a venda de alguns produtos primários em sua própria residência, ao mesmo tempo em que passou a trabalhar como administrador do jornal A Cidade. Seu conhecimento adquirido como caixeiro, além da possivelmente boa relação com Antônio Regino do Amaral, garantiram-se o ingresso no mundo do jornalismo sertanejo, materializado na folha semanal, instrumento de captação de poder político da parte de seus diretores e redatores.

Não há como saber o grau de consciência de Vicente Loyola quanto à seriedade do passo que acabara de dar. Sua entrada formal para o mundo do periodismo marcaria sua vida dali por diante. É bom sempre lembrar que o sujeito histórico não tem o olhar retrospectivo do historiador, e tal não pode ser cobrado dele, sob risco de se cometer uma grave injustiça para como um sujeito impossibilitado de empreender a própria defesa pelo simples fato de já não se encontrar mais entre nós.

Enquanto Vicente colocava-se na redação do jornal A cidade, a política cearense avançava a largos passos finamente sintonizados com aquilo que seria para muitos estudiosos a principal característica da República Velha: a política oligárquica. O Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly havia consolidado seu comando sobre o estado e, após dois mandatos como presidente, havia passado o bastão presidencial ao seu títere Pedro Borges.

Em Sobral, a imprensa rearranjou-se politicamente, acompanhando a evolução do quadro político estadual. O jornal A Cidade, de Álvaro Ottoni, passou a apoiar o partido do Comendador Accioly, identificado como o bastião das oligarquias. Referindo-se a esta ocasião, Vicente Loyola escreveu em 1915, no seu jornal “O Rebate”, afirmando ter sido contratado para trabalhar na redação do jornal “Itacolomy”, cuja fundação ficou aguardando enquanto Álvaro Ottoni encerrava o jornal “A Cidade”. De acordo com Vicente, o que tinha acontecido é que Álvaro Ottoni havia assumido, até aquele instante, posição francamente contrária às oligarquias, ao lado do deputado Waldomiro Cavalcante. Em 1904, porém, ao aproximar-se as eleições para a presidência do Ceará, o bacharel sobralense mudou de lado, passando a apoiar os acciolinos.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Vicente permaneceu ao lado de seu amigo Waldomiro, o qual teria contrato a impressão do futuro jornal antioligárquico “O Itacolomy” junto à tipografia d’A Cidade.

Obviamente, sabemos disso porque os adversários de Vicente Loyola consideraram dúbia a sua atitude, trazendo à tona, sempre que os ânimos políticos se acirravam em Sobral, o fato de Vicente ter estado ao lado de Álvaro Ottoni e, logo depois, de Waldomiro Cavalcante e, como se não bastasse, ter aceitado trabalhar para o “Correio de Sobral”, jornal oligárquico fundado após o fracasso do Itacolomy. O jogo intrincado da política acabou por enredar Vicente, um jovem pai de família pobre dotado de ambições no campo da imprensa sobralense. Sabia ele, certamente, o quão incontornável era a política em seu caminho. As querelas não tardaram a tatuar-lhe marcas profundas.

O jornal O Itacolomy deu voz a uma dissidência do grupo antioligárquico sobralense tradicionalmente comandado pelo grupo dos Paula Pessoa. Tal dissidência foi aberta por Waldomiro Cavalcante, jovem político e poeta vindo da cidade de Granja, também no norte do estado. Waldomiro reuniu um grupo formado pelo padre Fortunato Alves, o bacharel Alexis Barbosa Morin e o intelectual autodidata João Barbosa, cujos nomes passaram a compor a redação do Itacolomy, sob a gerência administrativa de Vicente Loyola.

Politicamente, Vicente alinhou-se a um grupo de oposição não tradicional, o qual lhe forneceu o conveniente estofo político, intelectual e social para sua ascensão na imprensa local. Mal havia sido fundado o Itacolomy, Waldomiro Cavalcante anunciou a decisão de partir para Fortaleza para ali fundar mais um jornal antioligárquico: o Jornal do Ceará. Diante de sua ausência, o grupo sob seu comando em Sobral não tardou a abandonar a trincheira, indo seus membros aninhar-se sob as asas do forte grupo acciolino. Vicente Loyola viu-se isolado, administrando um jornal cujo corpo de redação havia se desfeito e, portanto, sem qualquer expectativa de continuidade.

Não sabemos com que meios Vicente Loyola conseguiu conciliar o cumprimento de suas obrigações de provedor material de uma família pobre com seu alinhamento político antioligárquico numa cidade onde a classe dirigente alinhava-se ao poder político central. Após um breve hiato de informações decorrente do caráter fragmentário de nossas fontes, encontramos Vicente Loyola fundado seu jornal “O Rebate”, cuja

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

primeira edição veio a público no dia 20 de abril de 1907, com oficinas próprias e uma redação comandada pelo próprio Vicente, auxiliado por Alexis Barbosa Morin e João Barbosa.

Percebe-se na composição da redação d'O Rebate o quanto tinha havido certa coesão no grupo antioligárquico outrora comandado por Waldomiro Cavalcante. O Rebate tentava, por sua vez, continuar, no âmbito da imprensa, a luta política iniciada pelo Itacolomy. Temos aí escancarados os intestinos de uma imprensa em formação, processo este que redundará no surgimento do jornalismo profissional em Sobral naquela início do século XX. Vicente Loyola, a fundar seu jornal, inaugurou uma trajetória na qual tornava-se possível viver de e para a imprensa numa cidade sertaneja pintada em tons caricatos com as cores desbotadas da aristocracia.

Fundar um jornal, concretamente falando, equivalia a adquirir o equipamento tipográfico que incluía os tipos, prensa manual ou impressora, tinta, papel, além de contar com um ambiente no qual pudesse instalar tal parafernália. Para além da feitura material, um período que aspirasse a um mínimo de qualidade e consideração da parte do público leitor havia de contar com um corpo de redatores, sendo necessário ao seu fundador mobilizar seu capital social a fim de reunir, sob sua liderança, alguns intelectuais de escrita experimentada na cena periodista local.

Vicente Loyola, havia chegado a Sobral em 1895 e sua “entrada” na política deu-se, como o próprio gostava de considerar, a partir do momento em que aproximou-se de Álvaro Ottoni, quando trabalhava na casa comercial de Antônio Regino do Amaral. Entrar para a política equivalia, no pensamento de Vicente Loyola, ao momento em que assumiu publicamente uma posição em meio ao cenário político local. No seu caso, tal posição foi de combate à política oligárquica, representada em Sobral pela família Saboia.

A dificuldade, para um homem da qualidade e da posição social de Vicente Loyola, foi manter-se alinhado à sua opção original num momento de rearranjos constantes e, aos seus olhos, incoerentes. Como se não bastasse tal situação, havia ainda um outro fator complicador: sua precária condição econômica, a qual não permitia rasgos de fidelidade ideológica, pois o sustento de si e dos seus era necessidade imperiosa. Pretendendo viver da imprensa, Vicente Loyola não teve escolha, senão

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

trabalhar nas redações de jornais cuja orientação política dera forte guinada no sentido de apoiar a política oligárquica. Foi exatamente o que ocorreu quando o Itacolomy foi transformado em Correio de Sobral, resultado da conversão de seus redatores ao acciolismo. Naquela ocasião, o aspirante a jornalista teve de manter-se na redação, pois não enxergava outro meio de continuar vivendo e sustentando a família.

As complicações desta primeira etapa da trajetória de Vicente Loyola no jornalismo sobralense revela o complicado arranjo entre imprensa e política no interior do Ceará. Aos jornais que não assumissem desde o início a condição de “órgão oficial” de um partido era negada a possibilidade de subsistir, pois a política parecia ser tudo o que se esperava de um jornal, o assunto mais atraente ao público alfabetizado formado por um contingente minoritário da população, subdividido em grupos como os profissionais liberais, funcionários públicos e clérigos. Aos olhos de tais categorias de sujeitos leitores, a política era considerada assunto sério. Jornais baseados em outros assuntos, como a crítica de costumes, os jornais literários e afins não passavam de meras aventuras protagonizadas por jovens sequiosos pelo ingresso no mundo da comunicação impressa.

Na ausência de instâncias de consagração como as universidades ou a administração pública de alto escalão, a imprensa sertaneja era o lugar a ser disputado pelos aspirantes ao mundo das letras e à condição de orientadores da opinião pública. Alcançar tal posição sem filiar-se a um jornal era praticamente impossível. Por isso, as biografias dos intelectuais da época trazem, invariavelmente, a passagem pela imprensa como estágio inicial incontornável na formação de um intelectual no Brasil. Não à toa, a associação entre jornal e progresso foi exaustivamente celebrada.

Quando Vicente Loyola lançou O Rebate, iniciava a segunda etapa de sua carreira, agora como diretor proprietário de uma folha semanal impressa em oficinas próprias numa cidade das mais destacadas do interior do Ceará. Não era pouco para quem fora um dia um menino pobre, parcamente alfabetizado, que enxergou no trabalho como caixeiro vassoura a única via de escapar ao ingrato trabalho agrícola. Sem dúvida, Vicente avançara, galgara posições e havia conquistado amigos e inimigos políticos em tal percurso.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Embalado pelo salvacionismo militar, o jornalista Vicente Loyola engajou-se na campanha antioligárquica em Sobral, combatendo tenazmente os partidários do Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly e apoiando a candidatura do Tenente-Coronel Marcos Franco Rabelo à presidência do Ceará em 1912. A militância acabou por resultar em sua eleição para deputado estadual, consequência muito natural de seu trabalho árduo na imprensa, colocando seu próprio jornal a serviço de um grupo político.

E aqui voltamos ao binômio imprensa/política. Incontornável no período, amalgamados pelo analfabetismo da maioria da população, tal binômio funcionou de modo a beneficiar a ambos os lados, mas, se havia um ônus a ser pago, este, certamente, pendeu para o lado da imprensa ou, mais especificamente, dos jornalistas e, dentre estes, os que se manifestaram mais à esquerda e se mostraram desprovidos de capital social. Vicente Loyola estava neste grupo. A colheita dos frutos de sua militância antioligárquica foi efêmera, acompanhando, neste sentido, o igualmente breve governo de Marcos Francos Rabelo.

Em 1914, o movimento conhecido como Sedição de Juazeiro culminou com a deposição de Franco Rabelo. O rabelismo – termo utilizado para designar a política salvacionista antioligárquica no Ceará – sofre um golpe duríssimo desfechado pelo grupo acciolista comandado pelo médico Floro Bartolomeu da Costa, deputado pelo Partido Republicano Conservador e braço direito do Padre Cícero Romão Batista, líder religioso popular e principal responsável pela fundação da cidade de Juazeiro, no sul do Ceará, quase fronteira com Pernambuco, numa região conhecida como Cariri cearense.

Percebe-se que a política oligárquica contava com apoiadores muito poderosos no Ceará. Em Juazeiro, Padre Cícero, valendo-se de seu imenso prestígio junto à população campesina pobre, construiu um sólido cabedal de poder político, partilhando-o com Floro Bartolomeu, seu alter ego político. O catolicismo popular sertanejo representou uma miscelânea de milenarismo, messianismo e curandeirismo, não deixando de fazer parte dos ingredientes ideológicos que serviram à elaboração da seiva responsável por alimentar a política oligárquica no sertão, além do coronelismo já conhecido.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Jornalistas como Vicente Loyola tomaram a peito o enfrentamento, no campo ideológico, de tal construção, assumindo posição contrária à política oligárquica e puxando o combate para as páginas do jornal, transformadas em espaço de luta contra a muralha do poder oligárquico solidamente estabelecida sobre uma sociedade marcada pela desigualdade social, onde a pobreza e o analfabetismo garantiam à pequena elite local, organicamente articulada às instâncias maiores, o controle sobre a política e a administração dos recursos públicos.

Obviamente, havia um preço a ser pago. A pretensão à independência em relação aos grupos políticos não ultrapassou os limites da retórica. A maneira de o jornalismo que se dizia independente se posicionar no campo político reflete bem a dificuldade de encontrar uma via alternativa ao jornalismo de partido. Embora oficialmente *O Rebate*, de Vicente Loyola, não tenha se apresentado como “órgão oficial” de nenhum partido político, na prática seu posicionamento foi de apoio a um determinado grupo em detrimento de outro. Em outras palavras: a chamada “imprensa livre” não significava uma imprensa autônoma em relação aos partidos; um termo mais feliz ou mais adequado seria um jornalismo de esquerda, defensor de posições opostas aos grupos hegemônicos.

O posicionamento antioligárquico não pode, por outro lado, ser associado à defesa de grupos sociais desfavorecidos. Em seu jornal, Vicente Loyola defendeu o trabalho enquanto valor moral, mas não fez a defesa do trabalhador ou dos movimentos operários. Sua opinião em relação ao comunismo passava longe de qualquer simpatia. Não se tratava de um posicionamento de contestação à ordem social estabelecida, mas de ataque a uma determinada parcela da elite local encastelada no poder. O objetivo principal, de acordo com o programa do jornal, consistia em atuar junto às consciências com o objetivo de construir uma opinião pública mais esclarecida, capaz de discernir com clareza as pérfidas estratégias do grupo hegemônico para se manter no poder.

“Uma sociedade sem imprensa é como uma sociedade sem objectivo; a opinião dos indivíduos não se póde avolumar, formando essa avalanche poderosa, que ás vezes abate as mais seguras muralhas; ella vem canalisar as ideias isoladas e dispersas, tornando-as um agregado homogeneo, que é o esteio da justiça e um dos melhores factores do progresso.” (*O Rebate*, Sobral, 20 abr. 1907, p. 1)

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

O jornal pretendia agir sobre as consciências, canalizando ideias antes isoladas. A proposta é de uma ação voltada para superestrutura, como diria Marx, mas invertendo o esquema marxista infraestrutura/superestrutura. Para Loyola, o papel de seu jornal e, por tabela, de toda a imprensa livre, era agir sobre as consciências para direcionar a opinião pública ou, em outras palavras, fortalecer determinadas ideias a fim de criar condições de vê-las transformadas em ações concretas. É importante perceber o fato de o jornalista enxergar o jornal como uma espécie de indutor, não de realizador de qualquer ação transformadora da realidade concreta.

A luta contra a república oligárquica não implicou, para os defensores da imprensa livre nos termos defendidos por Vicente Loyola, em adotar uma posição realmente à esquerda. Qualquer aproximação com o comunismo, socialismo ou anarquismo eram rechaçadas de modo contundente. Subverter a ordem social não era meta de tais jornalistas. Vicente Loyola fez parte, pois, de uma escola de jornalismo que lutou contra a tutela ideológica dos partidos políticos, mas evitando cuidadosamente a associação com movimentos populares de qualquer matiz.

Não podemos, por outro lado, deixar de notar a coragem demonstrada por Vicente Loyola ao bater de frente com o grupo hegemônico local. Em uma cidade como Sobral no início do século XX, a pluralidade de posições políticas era algo a se estranhar. Como se sabe, durante a República Velha brasileira, as eleições reduziam-se à mera formalização das vontades dos coronéis e o voto não passava de mera encenação. Prevalencia o arranjo entre o coronelismo e as oligarquias cujos tentáculos alcançavam os espaços rurais e urbanos de maneira indistinta.

O encerramento forçado do governo de Franco Rabelo encerrou o breve período no qual Vicente Loyola pode cantar a vitória antioligárquica em Sobral. No mesmo de 1914, porém, a imprensa sobralense viu nascer mais um jornal de quilate semelhante ao do Rebate. Tratava-se d'A Lucta, de Deolindo Barreto Lima, um tipógrafo nascido na cidade de Crateús, numa região do Ceará conhecida como sertão dos Inhamuns. Deolindo migrara ainda muito jovem para o Acre, onde fora tentar construir fortuna nos seringais. Como ocorreu com a maioria dos cearenses em iguais condições, obteve apenas um inequívoco fracasso. Não querendo retornar ao Ceará, foi empregar-se como tipógrafo nas oficinas do jornal "A Província do Pará", onde tomou contato direto com o

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

jornalismo político, pois A Província servia à oligarquia paraense dos Lemos, e Deolindo acabou lidando com os textos de um jornalista famoso na época: Paulo Maranhão.

Chegado a Sobral por volta de 1912, Deolindo Barreto montou uma pequena tipografia para realizar trabalhos de composição e impressão sob encomenda. No entanto, seu objetivo maior era se tornar jornalista, seguindo o caminho anteriormente aberto por Vicente Loyola, o qual consistia em aparelhar uma tipografia e redigir uma folha semanal para lançar ao público contando com a eloquência de uma escrita forjada por meio da leitura de outros jornais vindos dos grandes centros nacionais e do exterior, bem como de autores nacionais e internacionais considerados referências nas áreas de filosofia, política e economia.

A escrita do jornalista brotava de um cabedal de ideias e informações construído por meio da leitura. Vicente Loyola nos forneceu um retrato muito interessante de seu ambiente e de sua prática de leitura associada ao ofício:

“Na minha alcova modesta, mas algo confortável, onde, à noite, faço o meu gabinete de leitura, enquanto lá por fora vai tudo em silêncio, apenas interrompido, de longe em longe, pelas notas cheias do piano da vizinha, quebrando a solidão monotona e triste, na minha alcova chegaram, para me fazer companhia, nessas vigílias fatigantes, umas creaturinhas que, por Deus, eu desejo vel-as pelas costas o mais breve possível...” (*O Rebate*, Sobral, 13 mar. 1909, p. 2)

O ambiente doméstico, íntimo, da alcova ou quarto de dormir convertido em escritório ou gabinete de leitura revela a inserção da leitura e da escrita no cotidiano do jornalista, a ponto de diluir fronteiras entre vida privada e vida profissional, entre horário de trabalho e momentos de descanso. Em seu texto, Vicente reforça, entre outros aspectos, aquele de que o trabalho do jornalista exige dedicação e não se mostrava muito generoso em termos de oportunidades de descanso. O jornalista era um lutador incansável em prol da causa que abraçara: a construção de uma imprensa livre e a luta contra a política oligárquica.

A leitura estava na base de seu ofício. Os livros, jornais, revistas e os despachos telegráficos traziam de fora os ingredientes necessários à composição dos textos a serem publicados no *O Rebate*. A escrita derivada de um olhar sobre aquela realidade, lançado a

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

partir de uma determinada posição, não poderia ser forjada sem a leitura preliminar, sem a construção de um repositório de ideias e a assimilação de estilos, metodologias e técnicas que pareceram adequadas ao propósito de Vicente. E aqui, chamo a atenção para um determinado tipo de leitura e um autor cuja influência sobre o jornalista se fez notar em vários de seus textos. Estou falando do médico judeu e um dos fundadores do movimento sionista: Max Nordeau.

Vicente Loyola chegou, inclusive, a recomendar a leitura de Max Nordeau a seu colega Deolindo Barreto, em carta de boas vindas ao jornal *A Lucta* em 1914. Deolindo, por sua vez, afirmou não conhecer o autor, mas, em compensação, confessou já ter lido Máximo Gorki e León Tolstoi (*A Lucta*, Sobral, 07 mai. 1914, p. 1). O compartilhamento de leitura, a indicação de autores e obras aos colegas calouros no ofício demonstra que Vicente já se enxergava, depois de mais de uma década de experiência no jornalismo, alguém capaz de indicar itinerários, de abrir caminhos e de acolher os recém chegados. A consciência de sua condição de primeiro jornalista profissional da cidade não estava ausente.

A partir de 1914, com a entrada de Deolindo Barreto no campo da imprensa sobralense, Vicente Loyola deixou de ser o único jornalista comprometido com a luta antioligárquica. As características específicas de cada um destes homens de imprensa pesaram daí por diante. Enquanto Deolindo Barreto, mais jovem e audacioso, talhado na dureza do Norte, imbuído de forte espírito aventureiro e dotado de uma audácia que resvala a inconseqüência e a temeridade, entrou em franco combate contra o principal grupo político familiar local: a família Saboya de Albuquerque, notadamente liderada pelo juiz da Comarca, Dr. José Saboya. Vicente Loyola, por sua vez, viu-se alçado à condição de inspirador, especialmente no que tocante à qualidade da escrita e à sagacidade de ideias, de Deolindo, mas o protagonismo, o enfrentamento direto passou a ser catalisado por este último, bem como o ônus e bônus de tal iniciativa.

A partir de 1915, o reumatismo, doença há muito presente na vida e no corpo de Vicente Loyola, ocupará também cada vez mais espaço em seus textos. Ao longo daquele ano, as edições d'O Rebate nos permitem acompanhar o agravamento da moléstia antiga do jornalista. Ingratidões do trabalhado do historiador: a série do jornal, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, não está completa. O ano de

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

1915 foi acessado a partir de exemplares originais arquivados no Núcleo de Documentação Histórica – NEDHIS – da Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral. Para suprir tal ausência, vali-me do jornal A Lucta, cuja série, com pequenas lacunas, inicia em 1914 e vai até 1924, quando foi encerrada devido à morte de Deolindo Barreto.

A simpatia e respeito nutridos pelo diretor d'A Lucta por Vicente Loyola o fizeram publicar várias notas e artigos comentando sua situação. No que tange à saúde, invariavelmente as notas de Deolindo mencionaram a piora constante, ao ponto de Vicente chegar ao estrado prostração, ficando recolhido a uma rede, o que interrompeu a publicação d'O Rebate. Ao mesmo tempo, o jornalista doente tinha de enfrentar alguns processos judiciais movidos por políticos locais ressentidos com a acidez de suas críticas. Tendo o juiz da comarca, Dr. José Saboya, manifesta antipatia por Vicente Loyola, tanto quanto por Deolindo Barreto, a perspectiva era de um julgamento parcial a favor do acusador, o coronel Antônio Cristino.

Em agosto de 1919, Deolindo Barreto tomou as dores de Vicente Loyola mais uma vez, indignado com a maneira truculenta pela qual o juiz Dr. José Saboya obrigada o jornalista, apesar de sua enfermidade, a comparecer a uma audiência no processo movido pelo coronel Antônio Cristino. Vicente Loyola tinha por advogado o Dr. Antônio Drumond, ausente na ocasião. Prostrado em sua rede, o jornalista foi conduzido assim ao tribunal e, como não fosse permitido seu ingresso na sala da audiência na condição em que se encontrava, foi solicitada a intervenção do médico Dr. Marinho de Andrade, o qual aplicou-lhe uma injeção para aliviar as dores. Introduzido à presença do juiz, Vicente disse poucas palavras antes de ser dispensado.

A elite familiar oligárquica local demonstrara sua força derivada de seu controle sobre as instituições e das posições estratégicas ocupadas na cidade. O poder judiciário, administrativo, político e econômico concentrava-se nas mãos de algumas famílias organicamente entrelaçadas por alianças forjadas por meio de casamentos, associações comerciais e demais laços consuetudinários comuns no sertão republicano.

No dia 2 de novembro de 1919, prostrado em sua rede, no interior de sua casa, Vicente Loyola faleceu. Seu legado para o jornalismo sobralense não seria facilmente esquecido. Deolindo Barreto passou a acusar o juiz da comarca de assassinato, pois,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

para ele, a morte de Vicente Loyola foi apressada por sua condução truculenta à audiência ocorrida no mês de agosto daquele ano. O inventário do jornalista revelou seu estado de pobreza. Como único bem a ser partilhado: a tipografia na qual imprimia O Rebate. Ao fim do processo, o valor levantado foi suficiente apenas para quitar as dívidas deixadas pelo inventariado e cobrir as custas do processo.

O inventário de Vicente Loyola é um documento muito interessante, pois se revela como parte de uma batalha pela memória, na qual é nítido o esforço da parte de seus antagonistas no sentido de produzir o rápido esquecimento de sua luta antioligárquica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Marta Emísia Jacinto; LIMA, Jorge Luiz Ferreira. História, imprensa e redes de comunicação. *História & Perspectivas*. Uberlândia, nº 39, p. 37-57, jul-dez. 2008.
- BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 185-211.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- FAORO, Raimundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 5 ed. São Paulo: Globo, 2012.
- GOODY, Jack. *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à história do jornalismo cearense*. ed. fac-similar. Fortaleza: NUDOC/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público do Ceará, 2006.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

NORDAU, Max. *As mentiras convencionais da nossa civilização*. 3 ed. São Paulo:  
Brasil Editora S. A., 1960.